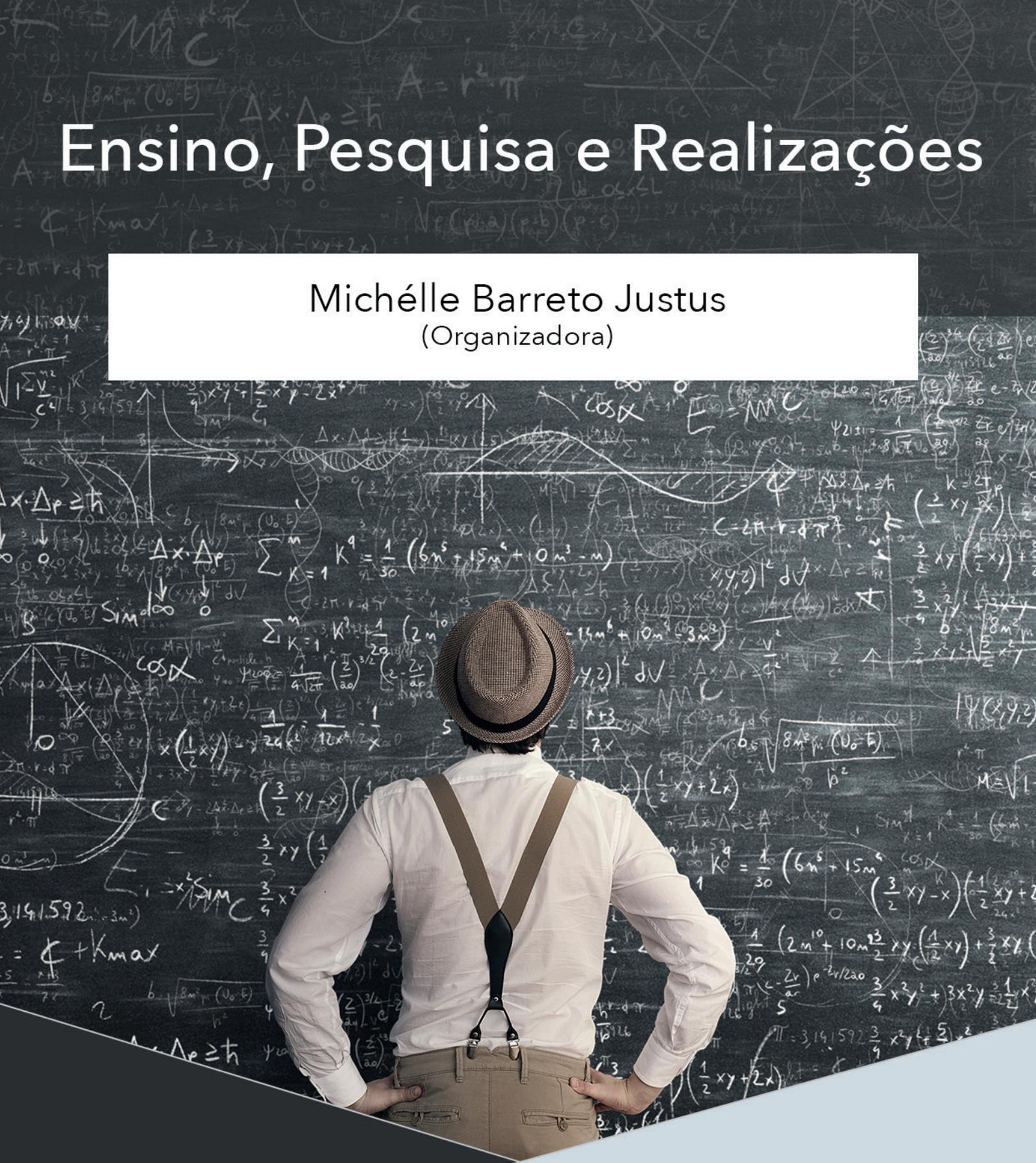


Ensino, Pesquisa e Realizações

Michéle Barreto Justus
(Organizadora)



Atena
Editora

Ano 2018

Michéle Barreto Justus
(Organizadora)

Ensino, Pesquisa e Realizações

Atena Editora
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

E	Ensino, pesquisa e realizações [recurso eletrônico] / Organizadora Michéle Barreto Justus. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2018. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-006-3 DOI 10.22533/at.ed.063181212 1. Ciência – Brasil. 2. Pesquisa – Metodologia. I. Justus, Michéle Barreto. CDD 001.42
---	---

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Os estudos e pesquisas advindas do Ensino Superior podem contribuir sobremaneira para a melhoria das condições de vida da sociedade em geral, reafirmando o papel fundamental do conhecimento científico como ferramenta para a superação de vários problemas sociais vivenciados em nosso país.

Nesse sentido, o material intitulado “Ensino, pesquisa e realizações” ganha importância por constituir-se numa coletânea de estudos, experimentos e vivências de seus autores, tendo por objetivo reunir e socializar os estudos desenvolvidos em grandes universidades brasileiras.

A obra está organizada em 2 eixos: estudos teórico-metodológicos acerca de temas pedagógicos e pesquisas sobre processos biológicos e tecnológicos, reunidos em 27 artigos científicos.

Os artigos apresentam pesquisas direcionadas ao ambiente educacional, às práticas e metodologias de ensino, ao estudo da história e às possibilidades de soluções práticas de questões cotidianas nas áreas de enfermagem e das ciências exatas e tecnológicas.

Certamente os trabalhos aqui apresentados são de grande relevância para o meio acadêmico, pois proporcionam ao leitor uma gama de leituras que permitem análises e discussões sobre assuntos pertinentes à pedagogia, à biologia e à tecnologia numa perspectiva científica, através de linguagem clara e concisa, que propicia ao leitor a aproximação e o entendimento sobre alguns temas abordados nessas áreas do conhecimento.

Michéle Barreto Justus

SUMÁRIO

ÁREA TEMÁTICA PEDAGOGIA, FORMAÇÃO DE PROFESSORES E INCLUSÃO

CAPÍTULO 1 1

ANÁLISE DA BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR: SUBSÍDIOS PARA UM DEBATE

[Renan Lucas Vieira dos Santos](#)

[Tatiana Costa Coelho](#)

DOI 10.22533/at.ed.0631812121

CAPÍTULO 2 8

A FORMAÇÃO DOS DOCENTES DO CURSO DE PEDAGOGIA FRENTE AOS DESAFIOS

[Andreia Nunes de Castro](#)

[Rosângela de Fátima Cavalcante França](#)

[Sergio Paulo Mesquita Junior](#)

DOI 10.22533/at.ed.0631812122

CAPÍTULO 3 18

AS CONTRIBUIÇÕES DE PRÁTICAS LUDICAS PARA O DESENVOLVIMENTO DAS CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: A IMPORTANCIA DO PAPEL DO PEDAGOGO.

[Magnólia Maria Oliveira Costa](#)

DOI 10.22533/at.ed.0631812123

CAPÍTULO 4 30

O TRABALHO PEDAGÓGICO REALIZADO COM BEBÊS NOS CENTROS MUNICIPAIS DE EDUCAÇÃO INFANTIL NO MUNICÍPIO DE CORNÉLIO PROCÓPIO-PR

[Roseli de Cássia Afonso](#)

DOI 10.22533/at.ed.0631812124

CAPÍTULO 5 41

INCLUSÃO DE ALUNOS COM NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECIAIS NA ESCOLA REGULAR: UM OLHAR SOBRE A FORMAÇÃO DOCENTE

[Ivone Miranda dos Santos Menezes](#)

DOI 10.22533/at.ed.0631812125

CAPÍTULO 6 55

REFLEXÕES SOBRE A FORMAÇÃO PROFISSIONAL A PARTIR DO DESENVOLVIMENTO DE UM PROJETO DE FORMAÇÃO CONTINUADA PARA O ENSINO E APRENDIZADO DA DANÇA NO CONTEXTO ESCOLAR

[Kathya Maria Ayres de Godoy](#)

[Ivo Ribeiro de Sá](#)

DOI 10.22533/at.ed.0631812126

CAPÍTULO 7 68

RESPONSABILIDADE SOCIAL UNIVERSITÁRIA, PROJETO ENVELHE SER E VIDA EM MOVIMENTO

[Mírian Pereira Gautério Bizzotto](#)

Olívio José da Silva Filho

DOI 10.22533/at.ed.0631812127

CAPÍTULO 8 80

VIVÊNCIAS JUVENIS INSCRITAS EM UM PROJETO EXTENSIONISTA DE INCLUSÃO DIGITAL

Rosane Maria Castilho

Flávia Valéria Cassimiro Braga

DOI 10.22533/at.ed.0631812128

CAPÍTULO 9 96

EFEITO DA FORMAÇÃO ACADÊMICA NO RENDIMENTO DE MESTRANDOS NA DISCIPLINA DE FISILOGIA DA PRODUÇÃO VEGETAL NA PÓS-GRADUAÇÃO DA UEG

Camila Lariane Amaro

Diego Braga de Oliveira

Patrícia Souza da Silveira

Fábio Santos Matos

DOI 10.22533/at.ed.0631812129

CAPÍTULO 10 102

PESSOAS COM DEFICIÊNCIA E A QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL PARA O MERCADO DE TRABALHO: UM ESTUDO DE CASO NA ESCOLA SENAC RN

Maria Augusta da Cunha Pimentel

DOI 10.22533/at.ed.06318121210

CAPÍTULO 11 117

HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

Victor Fabiam Gomes Xavier

Clecia Simone G. R. Pacheco

DOI 10.22533/at.ed.06318121211

CAPÍTULO 12 129

INTEGRANDO AS PARTES AO TODO: BEM-VINDOS AO SENAC SÃO CARLOS

Márcia Cristina Fragelli

DOI 10.22533/at.ed.06318121212

CAPÍTULO 13 133

MATERIALISMO HISTÓRICO-DIALÉTICO E TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL NA EDUCAÇÃO ESCOLAR: UMA INVESTIGAÇÃO INICIAL EM PRODUÇÕES ACADÊMICAS RECENTES

Lucas Rinaldini

Jéssica Priscila Simões

Irineu Aliprando Tuim Viotto Filho

DOI 10.22533/at.ed.06318121213

ÁREA TEMÁTICA METODOLOGIAS DE ENSINO

CAPÍTULO 14 140

A UTILIZAÇÃO DAS “TIRAS HUMORÍSTICAS” COMO RECURSO MOTIVADOR PARA O ENSINO DE

CAPÍTULO 15 151

CONTRIBUIÇÕES PARA PRÁTICA PEDAGÓGICA NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES DE QUÍMICA

Jhenyfer Caroliny Almeida
Luciana Aparecida Siqueira Silva
Christina Vargas Miranda e Carvalho

DOI 10.22533/at.ed.06318121215

CAPÍTULO 16 159

CADEIAS DE MARKOV: UMA APLICAÇÃO PARA O ENSINO MÉDIO

Diogo Meurer de Souza Castro

DOI 10.22533/at.ed.06318121216

CAPÍTULO 17 171

O PEQUENO CIENTISTA E A APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA SOBRE OS MICROORGANISMOS (BACTÉRIAS, FUNGOS E PROTOZOÁRIOS)

Marcelo Duarte Porto
Everson Inácio de Melo
Nayara Martins de Mattos
Mariana de Moraes Germano
Paloma Oliveira de Souza

DOI 10.22533/at.ed.06318121217

CAPÍTULO 18 178

METODOLOGIAS ATIVAS PARA AÇÕES DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL: UM COMPARATIVO DAS METODOLOGIAS FUNDAMENTADAS NA PROBLEMATIZAÇÃO

Ana Carolina de Moraes
Marta Jussara Cremer

DOI 10.22533/at.ed.06318121218

CAPÍTULO 19 194

A IMPORTÂNCIA DA CONSTRUÇÃO DE MATERIAIS DIDÁTICOS DIGITAIS PARA PROFESSORES DO ENSINO SUPERIOR

Edilmar Marcelino
Ana Beatriz Buoso Marcelino

DOI 10.22533/at.ed.06318121219

CAPÍTULO 20 204

PEDAGOGIA ATIVA: CONSTRUINDO SABERES NO ENSINO SUPERIOR

Alexandre Russo
Fabiana Meireles de Oliveira
Fatima Ramalho Lefone
Marcos Correa

Mirian Nere

DOI 10.22533/at.ed.06318121220

CAPÍTULO 21 209

O USO DO WHATSAPP NO ENSINO

Ernane Rosa Martins

Luís Manuel Borges Gouveia

DOI 10.22533/at.ed.06318121221

CAPÍTULO 22 217

TRILHA URBANA E ANÁLISE DO ESPAÇO- TEMPO NO CENTRO HISTÓRICO DO RIO DE JANEIRO COM USO DO GEOPROCESSAMENTO

Paulo Elísio Marinho Abrantes

Gleide Alencar Do Nascimento

João Carlos Nara Junior

Reinaldo Bernardes Tavares

DOI 10.22533/at.ed.06318121222

ÁREA TEMÁTICA PESQUISA HISTÓRICA

CAPÍTULO 23 237

HISTÓRIA E IMAGINÁRIO SOCIAL DAS PROFESSORAS NO PROCESSO EDUCACIONAL NO BRASIL

Gláucia da Rosa do Amaral Alves

Elsbeth Léia Spode Becker

DOI 10.22533/at.ed.06318121223

CAPÍTULO 24 253

CAPITALISMO, GLOBALIZAÇÃO E CULTURA AFRODESCENDENTE:

A ASSOCIAÇÃO QUILOMBOLA ANA LAURA (PIRACANJUBA/GO)

Iván Mauricio Perdomo Villamil

Flávio Reis dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.06318121224

CAPÍTULO 25 268

A INDUMENTÁRIA FEMININA EM ANÁPOLIS ENTRE AS DÉCADAS DE 1920 E 1950

Amanda Milanez Fenerick

DOI 10.22533/at.ed.06318121225

CAPÍTULO 26 283

A INOPERÂNCIA DO ESTADO DIANTE DAS BARBÁRIES NO HOSPITAL COLÔNIA EM BARBACENA-MG

Fernanda Cristina de Brito

Márcio A. R. Rezende Filho

Juliana do Nascimento Farias

Cristiano Garcez Gualberto

DOI 10.22533/at.ed.06318121226

CAPÍTULO 27 288

A PRODUÇÃO DE UM DISCURSO DE NATUREZA NO PAMPA SOB O OHAR DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Renata Lobato Schlee

Paula Corrêa Henning

DOI 10.22533/at.ed.06318121227

CAPÍTULO 28 303

EDUCAÇÃO, EXCLUSÃO E SILENCIAMENTO: A ESCOLA PÚBLICA NA PROVÍNCIA DO RIO DE JANEIRO (1850-1889)

Vinicius Teixeira Santos

DOI 10.22533/at.ed.06318121228

CAPÍTULO 29 316

SOBRE AS NOÇÕES DE SEMELHANÇA E DESSEMELHANÇA NA DEFINIÇÃO DA HUMANIDADE INDÍGENA: UM ESTUDO A PARTIR DE UM TEXTO JESUÍTICO DO SÉCULO XVI

Marcos Roberto de Faria.

DOI 10.22533/at.ed.06318121229

ÁREA TEMÁTICA PROCESSOS BIOLÓGICO E TECNOLÓGICOS

CAPÍTULO 30 321

A IMPORTÂNCIA DAS PLANTAS MEDICINAIS NO TRATAMENTO DE NEOPLASIAS: REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA

Francisco Lucas Sales Dressler Silva

Thyago Pereira Douglas Machado

Felipe Valino dos Santos

William Dias Borges

Glenda Keyla China Quemel

Ana Gabriela Sousa Gonçalves

DOI 10.22533/at.ed.06318121230

CAPÍTULO 31 326

ANÁLISE COMPARATIVA DO CRESCIMENTO INICIAL DE *EUCALYPTUS GRANDIS* HILL EX MAIDEN (MYRTACEAE) E *GUAZUMA ULMIFOLIA* LAM. (MALVACEAE)

Thaynara Martins de Oliveira

Rayane Rodrigues Ferreira

Jales Teixeira Chaves Filho

DOI 10.22533/at.ed.06318121231

CAPÍTULO 32 330

ESTIMATIVA DA VARIABILIDADE ESPACIAL DO ÍNDICE RELATIVO DE CLOROFILA POR MEIO DE KRIGAGEM INDICATIVA

Caroline Xavier dos Santos

Elaine de Fatima Miranda Freitas

Sueli Martins de Freitas Alves

DOI 10.22533/at.ed.06318121232

CAPÍTULO 33 338

LÁTEX E ANGIOGÊNESE

Patrícia Lima D'Abadia

Amanda Fernandes Costa

Pablo José Gonçalves

Luciane Madureira de Almeida
DOI 10.22533/at.ed.06318121233

CAPÍTULO 34 356

RESFRIAMENTO DO AMBIENTE INTERNO DE MODELOS REDUZIDOS DE RESIDÊNCIA USANDO A TÉCNICA POT-IN-POT EM PAREDES

Marianne Silva Guimarães
Lídia Alla Silva
Patrícia Sardinha Dias
Isabella Faria Santos
Miriã Moreira Costa
Dra. Raphaela Christina Costa Gomes

DOI 10.22533/at.ed.06318121234

CAPÍTULO 35 366

TRATAMENTO TERCIÁRIO DO CORPO HÍDRICO DO RIBEIRÃO VAI E VEM NO MUNICÍPIO DE IPAMERI – GO CONTAMINADO POR EFLUENTE DOMÉSTICO.

Luciana Maria da Silva
Janaína Borges de Azevedo França
Luana Mesak
Anderson Dias

DOI 10.22533/at.ed.06318121235

CAPÍTULO 36 376

HYDROFLOW: MEDIDOR DE FLUXO DE ÁGUA COM ENFOQUE NO CONSUMO SUSTENTÁVEL

Yonathan Stein
Alex Martins de Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.06318121236

SOBRE A ORGANIZADORA..... 392

CAPITALISMO, GLOBALIZAÇÃO E CULTURA AFRODESCENDENTE: A ASSOCIAÇÃO QUILOMBOLA ANA LAURA (PIRACANJUBA/GO)

Iván Mauricio Perdomo Villamil

Universidade Estadual de Goiás, Programa de Pós-Graduação em Ambiente e Sociedade, Morrinhos/GO

Flávio Reis dos Santos

Universidade Estadual de Goiás, Programa de Pós-Graduação em Ambiente e Sociedade, Morrinhos/GO

RESUMO: Objetivo central desta pesquisa foi desenvolver um processo investigativo com as famílias afrodescendentes do município de Piracanjuba/GO, tendo em vista contribuir para fortalecimento das relações sociais da comunidade. Outros três objetivos foram estabelecidos para o desenvolvimento de nossas investigações: O primeiro centra-se no resgate histórico das comunidades afrodescendentes em território brasileiro; o segundo na caracterização das famílias pertencentes à Associação Quilombola Ana Laura; e, o terceiro, refletir sobre as práticas e tradições culturais existentes e praticadas pelas famílias afrodescendentes no contexto da permanente urbanização, industrialização e tecnologização da sociedade, causados pelas políticas neoliberais associadas ao continuum processo de globalização da economia. Entendemos que a configuração das realidades

do mundo a partir da globalização, os elementos e as transformações geradas a partir desse fenômeno em conexão com as comunidades quilombolas desencadeiam dificuldades e desafios das mais diversas ordens (política, econômica, social, cultural, ambiental etc.). Nesse contexto, optamos por realizar a pesquisa sob a perspectiva da Investigação-Ação-Participativa (IAP), visto que, além de sua flexibilidade e variedade técnica, temos a possibilidade de ação e ativa interação com a comunidade nos diversos momentos da pesquisa. A nossa expectativa é a de que esta pesquisa possa constituir um instrumento que expresse a luta pelo reconhecimento e valorização da cultura afrodescendente em contraposição aos interesses econômicos e políticos do grande capital.

Palavras-Chave: Negro, Escravo, Quilombola, Afrodescendente, Tradições Culturais.

ABSTRACT: The main objective of this research was to develop an investigative process with the Afro-descendant families of Piracanjuba/GO, with the aim of contributing to the strengthening of social relations in the community. Three other objectives were established for the development of our investigations: the first focuses on the historical rescue of afro-descendant communities in Brazilian territory; the second one in the characterization of the families belonging

to the Quilombola Association Ana Laura; and, third, to reflect on the cultural practices and traditions existing and practiced by afro-descendant families in the context of the permanent urbanization, industrialization and technologization of society, caused by the neoliberal policies associated with the continuum of the globalization process of the economy. We understand that the configuration of the realities of the world from globalization, the elements and transformations generated from this phenomenon in connection with the quilombola communities unleash difficulties and challenges of the most diverse orders (political, economic, social, cultural, environmental etc.). In this context, we chose to carry out the research from the perspective of Research-Action-Participation (RAP), since in addition to its flexibility and technical variety, we have the possibility of action and active interaction with the community in the various moments of the research. Our expectation is that this research may constitute an instrument that expresses the struggle for the recognition and appreciation of afro-descendant culture as opposed to the economic and political interests of big capital.

KEYWORDS: Black, Slave, Quilombola, Afrodescendant, Cultural Tradition.

1 | INTRODUÇÃO

Os modelos de desenvolvimento do capitalismo e sua expansão têm consequências devastadoras bastante claras nas inúmeras comunidades e territórios latino-americanos e nos diversos segmentos da sociedade. Um desses aspectos é o cultural das diferentes comunidades que constituem uma nação determinada, o qual tem um universo diverso, heterogêneo e complexo, que pode ser caracterizado por termos e expressões como línguas e etnias, tradições e práticas culturais, hábitos e costumes, identidades e imaginários sociais, dentre outros.

A existência de tais aspectos, ou melhor, a inexistência de muitos desses aspectos em comunidades tradicionais na atualidade (indígenas, quilombolas, extrativistas, ribeirinhos) resultam da ação e atuação dos europeus no processo de conquista e submissão dessas populações ao seu poder, que imprimiram intenso processo de dominação aos povos conquistados e escravizados e de inculcação da ideologia dominante, primeiramente, de caráter político-religioso, orientada pelos pressupostos católicos, depois, por um caráter político-econômico, assentado na ideologia burguesa-capitalista. Em tal contexto, podemos afirmar convictamente, que a América Latina – considerando as culturas Maya, Inca, Asteca, indígenas brasileiras e africanas – vivenciou um dos maiores e mais violentos processos de destruição cultural da história da humanidade.

Contudo, as comunidades que foram submetidas a tais processos foram gradativamente criando estratégias de enfrentamento para a preservação de suas origens e tradições culturais, empreenderam lutas para resistir à eliminação de suas maneiras de entender, estar, interagir e dialogar com o universo e com elas mesmas. As inestimáveis perdas de conhecimentos ancestrais, que se mantiveram vivos por

séculos, foram sendo resgatadas paulatinamente, por meio do desenvolvimento de processos para a transformação e adaptação das realidades enfrentadas, a partir da reinvenção de suas práticas culturais para garantir elementos da tradição ante à homogeneizante expansão do capitalismo.

A população quilombola no Brasil, por exemplo, foi (é) uma das populações que tem lutado permanentemente pela preservação e perpetuação de sua herança e patrimônio cultural e imaterial em meio às adversidades que caracterizaram diferentes momentos e contextos históricos de sua existência, satanizados e discriminados por suas referências de raízes africanas. As possibilidades para a mudança da condição de marginalizados, discriminados, excluídos, esquecidos na e pela sociedade em países da América Latina, por exemplo, emergem a partir das promulgações de novas Cartas Magnas nas décadas de 1980 e 1990. No Brasil, temos a Constituição da República Federativa de 1988 que, legalmente avançou de modo significativo na especificação e garantia dos direitos das populações negras afrodescendentes (afro-brasileiros), mas há muito a fazer no que remete às ações afirmativas efetivas para que possamos caminhar em direção à construção, ao estabelecimento, à materialização de uma sociedade mais justa e igualitária.

Nas últimas décadas, com o vertiginoso crescimento dos avanços tecnológicos que repercutem em escala mundial com fenômenos como a globalização, tem se aprofundado a vulnerabilidade das comunidades tradicionais, dentro delas e para o caso apresentado os quilombolas e/ou afrodescendentes. É nesse contexto, que se faz relevante investigar e incentivar processos que envolvem as lutas pela preservação da identidade e das culturas ancestrais para que resistam a destruição cultural imposta pelos modelos de desenvolvimento capitalista.

É no interior desse contexto, que a presente pesquisa intencionou promover a discussão sobre as tradições culturais de parte da população brasileira, mais especificamente da cultura ancestral das famílias afrodescendentes do município de Piracanjuba/GO, com o propósito de averiguar as suas realidades na atualidade, sobretudo, aquelas vinculadas direta e/ou indiretamente à Associação Quilombola Ana Laura, a partir do seu estabelecimento neste espaço territorial. Nessa direção, partimos dos seguintes questionamentos para realizar as nossas investigações:

1. Como se caracteriza a comunidade afrodescendente de Piracanjuba? 2. Quais são as tradições culturais ainda praticadas pelas famílias afrodescendentes de Piracanjuba/GO e como são compartilhadas com as novas gerações? 3. Como foi constituída a Associação Quilombola Ana Laura e qual a sua importância para as famílias afrodescendentes de Piracanjuba/GO?

Acreditamos ser pertinente ressaltar que, por mais intenso, mais impiedoso e mais devastador que seja o desenvolvimento do sistema econômico-produtivo capitalista, existem movimentos que resistem à expansão urbano-industrial, mantendo-se na luta pela proteção e propagação de tradições ancestrais com vistas a assegurar a preservação das identidades e memórias culturais dos povos remanescentes de

quilombo (afrodescendentes).

Optamos por utilizar os elementos da Investigação-Ação-Participativa (IAP), perspectiva com diversas e múltiplas influências que se identifica com a escola crítica de pensamento latino-americano de origem marxista que, por sua vez, critica os modelos clássicos e conservadores de fazer pesquisa, propondo a necessidade de criar linhas e escolas de pensamento próprias, coerentes e congruentes com as históricas crises das populações pobres de nosso continente.

2 | DIVERSIDADE E TRADIÇÕES CULTURAIS AFRO-BRASILEIRAS

De acordo com as afirmações de Schemelkes (UNESCO, 2008, p. 12) a história da exploração e opressão que viveram as populações autóctones no momento da conquista foi perpetuada pela intenção de integrar os indígenas à cultura dominante, sempre ao lado de processos de segregação e esquecimento. Na atualidade, a interculturalidade nos países da América tem tido a característica de ser assumida como “dívida histórica” pela maior parte da sociedade branca ou mestiça para dar às etnias o lugar que merecem na sociedade (UNESCO, 2008, p. 12).

É preciso entender as condições históricas, sociais, econômicas e culturais a que foram submetidas as populações africanas do passado mais remoto, as populações afrodescendentes do passado mais recente e as populações afro-brasileiras do presente para que tenhamos uma compreensão mais ampla das confrontações e das conformações das comunidades quilombolas brasileiras, bem como da luta empreendida na atualidade em busca de garantir a propriedade da terra para que possam manter a vida de suas famílias tanto no presente como das gerações futuras.

A diversidade cultural, manifesta grande variedade de expressões, algumas delas são tangíveis e outras intangíveis e, nesses espaços, encontram-se os conhecimentos, as crenças, a arte, a arquitetura, a alimentação, vestimenta e tudo o que as formas de vida abarcam nas comunidades ou povos tradicionais, assim como as expressões que tem a cultura, os conhecimentos sobre a natureza são especialmente importantes já que “refletem a sagacidade e a riqueza de observações sobre o entorno realizadas, guardadas, transmitidas e aperfeiçoadas no decorrer de longos períodos de tempo, sem as quais a sobrevivência dos grupos humanos não teria sido possível” (TOLEDO; BARRERA-BASSOLS, 2015, p. 33).

No caso particular dos afro-brasileiros as perdas são inalienáveis, em todos os sentidos, sendo muito difícil mensurar tudo que foi destruído no decorrer de quase quatro séculos de destruição de diversas culturas, línguas e etnias de origem africana. No entendimento de Báez (2010, p. 142), a destruição cultural e o dano às culturas africanas foram de aproximadamente 80%, considerando que a abolição da escravidão no século XIX, ao invés de ajudar na preservação das culturas africanas, contribuiu mesmo para com o processo de exploração dos afrodescendentes, que “perderam seus idiomas próprios, tiveram que aceitar o dogma do cristianismo e adaptaram sua

música aos ritos religiosos ocidentais”.

De acordo com o estabelecido nas cartas magnas do Brasil, Colômbia, Peru, Venezuela e Equador, temos o reconhecimento de que coexiste uma importante diversidade cultural, que se traduz em diferentes olhares sobre o mundo, que estão carregados de múltiplas subjetividades que, por sua vez, são consequência do processo histórico que atravessou América Latina desde a conquista e colonização europeia, carregada por uma clara intenção de extermínio das culturas indígenas e africanas, pois:

As relações de um império são econômicas, políticas, militares e culturais. No processo de unificação territorial e cultural, cada império trouxe o formato de identidade genérico e exportou sua memória histórica para impô-la como valor hegemônico. O saque cultural dos povos colonizados, portanto, nunca foi prática inocente ou acidental (BÁEZ, 2010, p. 236).

Tomando essas afirmações para a compreensão da gênese desse contexto, é fundamental a compreensão do papel que nas últimas décadas as tecnologias têm tido na configuração das sociedades e as consequências que esta realidade provoca nas comunidades tradicionais, visto que:

[...] o reconhecimento dessas comunidades tradicionais, ditas minoritárias, por parte do Estado, evidenciou a polêmica sobre a validação dos direitos desses grupos que buscam, através do processo de identificação, articular e resgatar suas memórias e tradições históricas em função de sua afirmação frente aos “outros” (SANTOS, 2015, p. 179).

O reconhecimento da diversidade cultural e de suas subjetividades pelo Estado exprime a polêmica acerca da autenticação dos direitos das comunidades e populações afrodescendentes que buscam resgatar e difundir suas histórias, memórias e tradições por meio de um processo de identificação e de autoafirmação frente à sociedade. Esse processo requer a valorização das políticas públicas sociais afirmativas para garantir a promoção de ações da sociedade civil e do próprio Estado para ressaltar a importância das condicionantes e demandas culturais articuladas pelos movimentos sociais, pois são impactadas “pela indiferença, [pelo] uso manipulatório e instrumental de manifestações ou valores culturais” (SALES, 2009, p. 128).

O processo de luta pelo reconhecimento das expressões e tradições culturais ancestrais constitui em si “fonte riquíssima da memória da resistência cultural do Brasil” (VIEIRA, 2016 p. 6). De acordo com Gibson e Guilherme (2017) a difusão da identidade negra em nosso país:

[...] é um componente intrínseco a determinadas manifestações espaciais, culturais, sociais, políticas e econômicas. A capoeira, o samba, o jongo, o candomblé, o terreiro, os salões de beleza afro, para citar alguns, são manifestações que têm a marca identitária negra intrincada e comunicam a negritude em seus múltiplos espaços (CUNHA; COSTA, 2017, p. 64-65).

Cabe ressaltar a importância de tais conquistas contidas na legislação máxima de nosso país, a Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, que no Artigo 215 especifica a garantia dos direitos culturais, enfatizando nas manifestações das

culturas populares indígenas e afro-brasileiras e explicita da valorização da diversidade étnica regional; e, no Artigo 216, que define o Patrimônio Cultural Brasileiro como “bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente, ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira” (BRASIL, 1988).

O universo das tradições culturais afro-brasileiras é extenso, complexo e heterogêneo, envolve todos os aspectos da vida social de uma comunidade e faz relação aos territórios, às memórias, às práticas, aos imaginários sociais e aos modos de sociabilidade que definem a identidade dos povos compõem ancestralidade, histórias e relatos, maneiras de ser, de estar e compreender o mundo, bem como maneiras diferenciadas de interagir com o entorno, com a natureza e com os recursos disponíveis que, por sua vez, diferem da lógica individualista do pensamento capitalista e expressam relações sociais mais solidárias e práticas mais amigáveis com o meio ambiente.

No momento de crise que a sociedade contemporânea atravessa é conveniente olhar e voltar aos saberes tradicionais das comunidades, tendo em conta que estes, possuem conhecimentos e ferramentas em diversos aspectos que contribuem de maneira significativa para a construção de sociedades mais respeitadas no relacionamento com os seres humanos e com os recursos naturais.

É imprescindível manter viva a memória sobre os maus tratos, abusos, castigos e torturas impostos às populações negras que construíram o Brasil; é imperativo o reconhecimento dessa cruel e desumana dívida histórica, pois os danos, as feridas e as sequelas decorrentes dessas ações violentas persistem na contemporaneidade; sequelas que são insistentemente tocadas e rejeitadas pela ação discriminatória, excludente e racista de boa parte da sociedade brasileira.

Entendemos que o Estado não deve e não pode permanecer inerte diante de tal contexto, porém assistimos ao esvaziamento das políticas sociais afirmativas, para não dizer à sua quase extinção, sobretudo, daquelas destinadas às comunidades quilombolas, às populações afro-brasileiras, aos trabalhadores rurais, aos operários urbanos, enfim à massa populacional brasileira pelo atual governo golpista, que precisam urgentemente ser retomadas.

O que de fato temos constatado é a violação dos direitos constitucionais, que em sentido lato deveriam obrigar o Estado a obedecer aos ordenamentos jurídicos para atuar de modo a assegurar que “os direitos fundamentais sejam concretizados na realidade social, porém são evidentes as limitações existentes e o desrespeito contínuo de direitos fundamentais” por parte do governo de Michel Temer, prejudicando sempre os trabalhadores – a população pobre –, ou seja, aqueles que mais necessitam das políticas sociais afirmativas (DALOSTO, 2016, p. 58).

O papel que tem desenvolvido o avanço do capitalismo nos Estados e governos gera a perda sistemática da soberania como nação e sucumbe ante às demandas e decisões dos centros do poder econômico mundial, o que faz que a garantia dos

artigos constitucionais que favorecem estas comunidades por parte dos Estados seja lenta e muitas vezes ineficaz, conforme argumenta Santos (2015):

[...] As relações, interações e identidades societárias características de um mesmo território não podiam mais ser garantidas, uma vez que a influência e interferência das agências internacionais em sua administração interna ultrapassaram os limites metodológicos da concepção de nacionalismo. O Estado-nação transformou-se em receptáculo da economia capitalista, reiterando a existência de uma forma particular intrínseca para a prática e regulação política comum para todos os territórios [...] (SANTOS, 2015, p. 246).

No meio desse panorama pouco alentador que atravessam as sociedades contemporâneas, se evidencia uma questão de vital importância: a necessidade de preservação das tradições culturais das comunidades que moram nos territórios da América Latina, as identidades destes povos são cada vez mais vulneráveis, afetadas e suscetíveis ao desaparecimento em consequência do próprio processo de expansão do capitalismo e globalização da economia. Na concepção de Yañez (2013):

[...] a chamada homogeneização se traduziu em heterogeneização. Assim, o ressurgimento de todos os tipos de particularismo e identidades tribais, étnicas, regionais, nacionais, territoriais, econômicas, religiosas e de gênero ou sexo. O que está a transformar o nosso mundo e as nossas vidas, de acordo com Castells, é a oposição entre globalização e identidade [...] (YAÑEZ, 2013, p. 54).

As comunidades têm que estar cientes dessa realidade e buscar estratégias que permitam a salvaguarda da memória histórica frente às novas realidades impostas pela configuração e desenvolvimento da economia capitalista, tendo em vista a proteção das tradições, assimilando que as tecnologias e globalização tem aspectos negativos muito influentes, mas que também podem ser utilizadas para o fortalecimento dos processos sociais.

É evidente que nenhum aspecto da sociedade escapa a esse panorama e a cultura das comunidades tradicionais é mais um desses aspectos, que como o autor diz, enfrenta complexos processos de articulações e contradições, onde a territorialidade e a identidade adquirem outras configurações. Nesse sentido, sugerimos que é imperativo que os processos sociais desenvolvam diálogos com as ferramentas tecnológicas do mundo contemporâneo, utilizando elas no fortalecimento dos processos desenvolvem, como no caso da Internet e as possibilidades no plano da comunicação que ela oferece.

3. ASSOCIAÇÃO QUILOMBOLA ANA LAURA

Para nós quilombolas, eu acho que as tradições têm que estar sempre presente em nossas vidas, é preciso resgatar a nossa origem.

Maria de Fátima Gomes (2017)

As atividades desenvolvidas na pesquisa tiveram o propósito de contribuir para o resgate histórico da comunidade negra afrodescendente do município, dentro das quais cabe ressaltar a atividade de nome “círculo da memória”. Partindo das informações coletadas no círculo, os participantes concordaram em afirmar que a

origem da população afrodescendente em Piracanjuba é diversa. Mas, além dessa diversidade é recorrente nos relatos falar sobre os Estados de Minas Gerais e Bahia, e, de migrações provenientes de algumas regiões de Goiás.

De acordo com informações fornecidas pela Associação Quilombola Ana Laura, a sua criação decorre da iniciativa de cinco famílias afro-brasileiras em 2012, ano em que começaram a se organizar, com a liderança da Sra. Eulália das Graças Rosa Calçada Machado (*in memoriam*), irmã da Sra. Lucy, primeira presidente e fundadora da Associação.

[...] A gente decidiu dar um basta nessas questões de preconceito e de racismo que a gente tanto vivenciava, mas até quando a gente não sabia por onde começar, quando começou a se falar disso, a ouvir essas questões, que o racismo era crime, a gente ouviu na mídia e nas escolas, então nos fomos encorajando a fazer parte de como escrever realmente nossa história [...] (Lucy Tavares, out./2016).

Como muitos dos processos organizativos de base comunitária, a organização do movimento afrodescendente em Piracanjuba começou por iniciativa própria de alguns líderes e famílias, especialmente, mulheres. O começo não foi fácil, além da ausência de apoio institucional, o preconceito e a repressão feita pela sociedade branca em cumplicidade com as autoridades locais, perseguiram as expressões sociais e culturais da comunidade negra – aponta a Sra. Lucy, que prossegue:

[...] as pessoas que jamais tinham condição disso, que pudessem até mesmo se reunir num local, porque antigamente não podiam se reunir três, quatro, cinco pessoas negras num local, porque a polícia já baixava ali para dar um “vascojejo”, mas, hoje já, elas se sentem mais livres [...] (Lucy Tavares, out./2016).

Depois de três anos de um processo de tramitação burocrática, em 2015, a Associação Quilombola Ana Laura foi certificada pela Fundação Palmares, ocorrência que fortaleceu o reconhecimento da população afrodescendente e incentivou para que outras famílias se autorreconhecerem como remanescentes de quilombo. Hoje, a Associação Ana Laura é uma importante referência tanto para as famílias afrodescendentes da cidade como para o processo organizativo dos Quilombos no Estado de Goiás, desenvolvendo ações em prol da melhoria da qualidade de vida das famílias negras da cidade, sejam elas associadas ou não.

É claro que a certificação da Fundação Cultural Palmares é uma conquista fundamental que dá *status* e consistência ao processo organizativo; serve como argumento para a luta e defesa dos direitos, concretizados em programas e projetos para a população. Os benefícios que têm obtido e podem obter as famílias pertencentes à Associação Quilombola de Piracanjuba também têm sido motivo para algumas famílias associarem-se e juntamente com as atividades e comemorações que se realizam periodicamente têm influenciado, de maneira positiva algumas pessoas para deixar de lado o medo de se autodeclararem e autorreconhecerem como negros afrodescendentes quilombolas.

Na atualidade as famílias afrodescendentes de Piracanjuba se autorreconhecem como remanescentes do Quilombo Tamarindo e se conformam na Associação

Quilombola Ana Laura em homenagem a uma escrava que lutou contra o regime escravocrata nos garimpos de Minas Gerais. A Associação Ana Laura conta na atualidade com o apoio da Secretaria Municipal de Cultura de Piracanjuba e também recebe a atenção da Gerencia de Artesanato da Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Científico e Tecnológico e da Secretaria de Agricultura, Pecuária e Irrigação do Estado de Goiás (CRUZ, 2017, p. 9).

Ressaltamos que os processos desenvolvidos pela Associação Quilombola Ana Laura contam com mais de uma década de militância na defesa dos direitos da comunidade, contra o racismo e no resgate da identidade e das memórias africanas. Apesar de todas as famílias de pele negra que moram no município não pertencerem à Associação, a mesma continua desenvolvendo ações para o autoreconhecimento daqueles que principalmente como consequência do racismo decidiram renegar as suas origens africanas.

A Associação Quilombola Ana Laura localiza-se numa região que abriga outras organizações quilombolas que se comunicam, articulam, apoiam, participam e cooperam mutuamente, interação evidenciada nos diversos eventos e atividades locais e regionais, organizadas e promovidas em conjunto: Associação Quilombola Boa Nova do município de Professor Jamil/GO (Presidente Sra. Lúcia); Associação Quilombola Nossa Senhora Aparecida do município de Cromínia/GO (Presidente Sr. Valdivino); Associação Quilombola Córrego do Inhambu de Cachoeira Dourada/GO (Presidente Sra. Núbia).

Os laços familiares e de pertencimento na “rede” de comunidades quilombolas da região são de extrema importância, o processo de migração da população no interior do Estado é notório, por razões de oportunidades de emprego muitos são obrigados a se deslocar para os centros urbanos, outros por dinâmicas particulares de vida, decidem ir para as cidades maiores, porém, sempre entre uma e outra comunidade quilombola existem laços consanguíneos que os unem.

Atualmente, a Associação Quilombola Ana Laura conta com 146 famílias em seu quadro e enfrenta algumas dificuldades como: 1) Ausência de meios tecnológicos; 2) Falta de capacitação em temas como elaboração de projetos, internet e meios tecnológicos; 3) Falta de apoio com os grupos de dança e capoeira; 4) Apatia, ceticismo e desinteresse das gerações mais jovens; 5) Ausência do Estado no financiamento para a preservação das tradições culturais; 6) Excessiva morosidade e burocracia na concretização de projetos e programas para as ações afirmativas por parte das instituições públicas, conforme afirma a Sra. Lucy (out./2017): “nós temos hoje, direito à moradia, alguns programas do governo que apesar de ser assim, lentos, que nos chegam com muita lentidão, mas já é um avanço grande, que antes não tínhamos esse direito”.

3 | TRADIÇÕES CULTURAIS DA COMUNIDADE QUILOMBOLA

Desde que os negros africanos foram sequestrados de seus continentes e trazidos e comercializados pelo mundo sob a categoria de escravos, os impérios dominantes europeus fizeram o possível para exterminar as culturas desses povos. Nesse sentido, as perdas são inestimáveis. Essa ocorrência prejudicou em demasia a difusão e permanência das tradições negras afrodescendentes no Brasil e, nesse sentido, os quilombos converteram-se em espaços de resistência cultural. Como expressamos no segundo capítulo, as práticas, expressões e demais categorias que fazem parte do imenso e complexo universo cultural de um povo foram perseguidos e criminalizados. Há pouco tempo, as práticas e tradições culturais africanas na América passaram a ser, relativamente, reconhecidas e respeitadas como patrimônio cultural por parte do Estado, que criou organismos públicos para assegurar a sua preservação.

Os entrevistados revelam que as manifestações culturais afrodescendentes depois da emancipação e consolidação do município eram realizadas às escondidas. A Sra. Bárbara (out./2017), por exemplo, lembra que as celebrações realizadas pela comunidade estiveram carregadas de precariedade e pobreza; precariedade e pobreza que sempre acompanharam a população, pois “lá naquele tempo era tudo muito pobre sabe, ‘tinha’ uns que ‘batia’ uma latinha, pandeiro de lata, até era bonitinha aquela música que eles ‘batia’, tinha um que tinha uma violinha assim toda remendada”.

Há outras tradições culturais nas quais convergiam as comunidades negras e brancas pobres e despossuídas de terras e de poder econômico, que têm tudo a ver com a vida no meio rural da região. O crescimento da cidade atraiu boa parte dessa população, esvaziando gradativamente as áreas rurais, o que obviamente influenciou na continuação (ou não) de algumas práticas culturais. Nesse aspecto, o Sr. Anastácio (2017) conta: “agora acabou tudo, não teve incentivo pra gente continuar na roça, aí a gente veio pra a cidade”. Esse aspecto foi determinante, pois que a maioria das pessoas que hoje se encontram na faixa etária entre os cinquenta e os sessenta anos, apontam que na juventude, tiveram que sair de Piracanjuba em busca de trabalho e educação, já que as possibilidades na cidade eram mínimas; situação que pouco mudou, pois o mesmo tem ocorrido com as gerações posteriores.

Outra situação que influenciou a continuidade (ou não) das práticas culturais afrodescendentes tem a ver com a morte ou doença das pessoas que lideravam essas atividades: “foi acabando tudo, morrendo os mais velhos, os mais sábios” (Sr. Anastácio, out./2017). É importante ressaltar a evidente influência da religião católica nas comemorações de raiz quilombola em Piracanjuba, misturando elementos de resgate da tradição africana com as crenças herdadas pelos colonizadores. Fato desta afirmação é que muitas das comemorações contam com a liturgia da Igreja Católica para dar abertura às atividades, outras se realizam no marco de datas representativas para o catolicismo; prova disso é que a maioria dos entrevistados converge ao afirmar que a sua religião é a católica, ao mesmo tempo em que reconhecem outras crenças.

Apresentamos uma descrição de algumas das práticas culturais tradicionalmente realizadas pelos negros piracanjubenses, cabe dizer que a descrição faz parte das indagações feitas no desenvolvimento da pesquisa, onde concluímos que o universo das práticas culturais da população negra é muito mais amplo e que muitas dessas práticas, expressões e demais conhecimentos foram esquecidos no decorrer do tempo e nas transformações acontecidas no mundo em consequência da impiedosa aplicação de políticas econômicas capitalistas.

Dia da Consciência Negra: por lei no município de Piracanjuba/GO, o dia 20 de novembro foi declarado como o dia local da consciência negra, isto faz com que a Associação mediante apoio da Prefeitura celebre esta data, realizado um grande evento, que é acompanhado de congada, apresentações de dança, capoeira e comida tradicional. Essa comemoração fortalece a visibilidade da população negra da cidade, bem como os laços com as comunidades quilombolas vizinhas, contexto propício para solicitar a concretização de projetos e políticas afirmativas que beneficiem a comunidade.

Podemos afirmar que são atividades de grande importância para a comunidade na atualidade, já que permite afiançar e visibilizar a presença quilombola no Município, fomentando o reconhecimento das práticas culturais das famílias negras. Tais comemorações representam espaço festivo e de socialização dos projetos da Associação, acompanhado de palestras que afirmam o posicionamento político e fomentam a reflexão da luta quilombola.

A comemoração do Dia da Consciência Negra começa na Igreja Católica, onde é celebrada a tradicional missa, distribuindo ramos por parte de representantes da comunidade, evidenciando como falamos anteriormente a hibridação cultural na celebração de comemorações afrodescendentes.

Festa de 13 de Maio: esta comemoração é uma festa que acontece na casa de umas das famílias tronco da comunidade, conhecida como a “Família Tamarinda”. A festa conhecida como 13 de Maio ou Festa das Tamarindas, recebe este nome, pois acontecia sempre nessa data num local em que “tinha uma árvore de tamarindo muito grande, não tinha nada na cidade até então, era a Festa de 13 de Maio, essa tradição é de minha família” (Fátima Mendonça, dez./2018).

A celebração começava pela reza do terço, cantada pela Sra. Guita, para depois continuar com música e dança. A festa era liderada pelo irmãos Guita, Jacinto e José. Fala-se que uma das características dessa festividade era que abundavam a comida e a bebida. Os cantos faziam clara alusão à abolição da escravatura:

Salve a Princesa Isabel, que deu liberdade a cor

Foi no dia 13 de maio, preto não é mais laçao

Preto pode ser doutor e viver em liberdade

Liberdade, liberdade, abre as asas sobre nós

(Fragmento Canção Tradicional – Festa 13 de Maio/Piracanjuba/GO).

Reza das Almas: mas é um dos manifestos mais antigos da comunidade quilombola piraicanjubense, vindo da Família Jacinto, que consistia em 9 dias de orações pelas almas sofredoras, acontece na sexta de paixão (Semana Santa), a entrega tem que ser feita no cemitério porque de acordo a tradição é o local onde é possível ter um maior contato com elas. Essa tradição foi transmitida de geração para geração, sendo o Sr. Anastácio, o atual representante da festividade herdada de seus avós. Ele prometeu para a sua avó fazer a reza enquanto estivesse com vida. Na comemoração tradicional “a gente ia de casa em casa rezando, fazendo procissão nas ruas até chegar ao cemitério, onde era consumado o ritual” (Anastácio, out. 2017).

Este é um dos rituais que não voltou a acontecer e corre o risco de desaparecer. A última Reza das Almas foi feita no ano 2014. Atualmente a tradição restringe-se à entrega na sexta-feira da paixão, pois “as pessoas não conseguem mais sair de casa e participar, porque tem que andar uma distância muito longa, de uma casa para outra, de um setor para outro e retornam sempre após a meia noite para casa, então a gente enfrenta várias dificuldades” (Lucy Tavares, out./2017).

Em relação às tradições/práticas demarcadas pela medicina popular encontramos o seguinte: 1) Parteira: a comunidade quilombola sempre foi procurada pela sociedade piraicanjubense por seus conhecimentos para receber os bebês. Fala-se que ainda hoje têm algumas parteiras que habitam nas zonas rurais, uma das mais conhecidas e reconhecidas neste ofício foi a Sra. Laura da Cruz Dias (*in memoriam*), mãe do Sr. Anastácio; 2) A garrafada: consiste em uma garrafa com álcool, folhas e ervas medicinais. O preparo depende do propósito para o que será utilizado; serve para curar hematomas, infecções e dores musculares, dentre outros; 3) Benzeção/Benedeira: tradição onde uma pessoa considerada com habilidades especiais pela comunidade, tem o poder de curar doenças traçando o sinal da cruz na pessoa doente; se faz também benzeção em lugares e animais; 4) Ervas e plantas medicinais: as famílias quilombolas têm o costume de semear plantas medicinais nos seus quintais; utilizadas para o tratamento de doenças ou como medicina preventiva; 5) Banho de descarrego: banho de sal grosso, rosas e ervas que a pessoa tem que fazer para descarregar as energias negativas como a inveja, a falsidade, entre outras; 6) Terreiro: local utilizado na religião Umbanda, onde são recebidas as entidades e praticados os rituais religiosos de matriz africana. Em Piraicanjuba existe apenas um terreiro. Há outras celebrações que não são exclusividade da tradição quilombola, mas que são apontadas pela população como tradições culturais do Município, concentradas na religião católica e na vida no meio rural.

As pessoas com as quais dialogamos concordaram em asseverar que uma das problemáticas em relação à preservação das tradições e práticas culturais na atualidade é a ausência de programas e projetos com esta intencionalidade. É evidente que as realidades e dinâmicas de vida das famílias da comunidade tornam difíceis a realização de certas atividades. Apesar de alguns jovens estarem vinculados aos grupos de dança e capoeira, participando efetivamente dos eventos da Associação,

muitos outros, expressam um alto grau de apatia e ceticismo no que diz respeito às atividades que a Associação realiza.

Chamamos a atenção para o fato de que, a maior parte desses jovens é constituída por negros pobres descendentes de quilombolas, portanto, presas fáceis das drogas, da criminalidade e da violência. Ante esta situação, a Associação solicita com frequência das autoridades competentes ações que mitiguem essa realidade e fortaleça os projetos existentes como “As Lalinhas” e “Nativa”, que ajudam para a boa e saudável utilização do tempo livre dos jovens, auxiliando em temas como capacitação, transporte, som/música, instrumentos, vestuários e reconhecimentos econômicos por apresentações realizadas.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A luta quilombola em território brasileiro conta com diversas comunidades que nos cenários locais desenvolvem significativos processos organizativos, tal é o caso da comunidade negra afrodescendente organizada sob a orientação da Associação Quilombola Ana Laura do Município de Piracanjuba/GO. Procuramos adentrar na realidade particular das famílias pertencentes à Associação e pudemos observar que a maioria delas localiza-se nos setores sociais mais desfavorecidos da sociedade com rendas familiares pequenas, baixos níveis educativos e, ainda, possuem vínculo muito forte com a ruralidade.

É possível inferir que as realizações dos governos locais, estadual e federal, ainda são incipientes, muitas são as dificuldades enfrentadas pela população negra afrodescendente, muitos são os problemas e injustiças sociais que assolam, historicamente, esta população. Nesse sentido, precisamos considerar sempre os impactos das dinâmicas do mundo globalizado, que afetam diretamente os contextos, as comunidades e os territórios locais, interferindo na manutenção, reconhecimento e preservação dos conhecimentos ancestrais.

O avanço desmedido da globalização econômica tem na tecnologização da sociedade uma influência negativa que interfere na preservação e práticas das tradições culturais quilombolas. Além de também ser pertinente dizer que os dispositivos da tecnologização próprios da globalização apresentam ferramentas que se tornam importantes para a difusão e preservação das culturas e práticas culturais das comunidades afrodescendentes e podem fortalecer as comunidades.

Enfatizamos que muitas expressões culturais na comunidade deixaram de ser praticadas nas últimas décadas, pois diante das permanentes inovações nos meios de informação e comunicação as gerações mais jovens não tem se interessado pela cultura de seus ancestrais e, as pessoas mais velhas que lutavam na transmissão e para a preservação de tal cultura morreram, ou a idade hoje avançada, não permite que desenvolvam tais atividades.

Portanto, insistimos em afirmar que o atual momento histórico requer leituras e

atualizações das realidades socioeconômicas e culturais das denominadas “minorias” da população; leituras e atualizações que considerem as suas inatas características de mudança, de transformação, de adequação, de ajustamento e, sobretudo, de resgate histórico, de reconhecimento, de entendimento e valorização das culturas locais.

Aliás, as tradições culturais das comunidades quilombolas são universos dinâmicos e complexos, que envolvem uma série de práticas culturais, imaginários sociais, histórias, memórias, costumes, maneiras de se relacionar uns com os outros e com o entorno, e, nos mais diferentes segmentos da sociedade. As comunidades quilombolas, em meio às suas necessidades e carências, lutam incessantemente por recursos e para desenvolver estratégias voltadas à preservação dos saberes de seus antepassados ante aos exploradores.

Constatamos que as práticas culturais quilombolas expressam valores como a solidariedade, o altruísmo, o companheirismo, além do trato respeitoso e amigável com o meio ambiente em que as populações estão inseridas. O que sugere que a preservação desses valores, possibilita outra maneira de ser e estar no mundo, sem a devastação e crise imposta pelo modelo de desenvolvimento capitalista.

Entendemos que a Academia precisa realizar mais pesquisas sobre as comunidades tradicionais brasileiras, especialmente, as quilombolas como expressão de compromisso social com populações que têm sido alvo direto e/ou indireto das políticas capitalistas neoliberais, tendo em vista desvendar e explicitar o seu verdadeiro propósito – mascarar os reais interesses do capital – e promover aproximações teórico-práticas de diferentes linhas e correntes ideológicas e investigativas que considerem imperativas as transformações socioeconômicas e culturais das comunidades em situação de vulnerabilidade.

Reiteramos a fundamental importância de se realizar o resgate histórico das comunidades tradicionais em nível local. Focalizar o olhar na perspectiva da (re) descoberta para saber quem são? o que são? como são? como estão? Buscar aproximações sobre as problemáticas que enfrentaram e enfrentam na especificidade e particularidade de suas realidades, por meio de uma investigação comprometida com as situações que vivem os habitantes, tendo em vista o fortalecimento de suas interações e relações sociais, uma vez que suas condições econômicas são extremamente reduzidas, pequenas.

Nessa direção, os negros afrodescendentes piracanjubenses, especificamente, os vinculados à Associação Ana Laura, em sua maioria filhos, netos e bisnetos de quilombolas e escravos baianos e mineiros têm empreendido luta contra a discriminação e o esquecimento de suas memórias, assim como pelo reconhecimento e garantia de seus direitos. O resgate de algumas tradições tem contado com parcerias com instituições públicas para a criação e manutenção de espaços para a realização e desenvolvimento de atividades como o artesanato, a agricultura, a culinária, a música, a dança; contudo, o apoio encontrado ainda é incipiente, as autoridades locais, estaduais e federais precisam voltar o olhar e a preocupação para as populações

afrodescendentes e implementar políticas afirmativas que, efetivamente, contribuam para a satisfação de suas necessidades e carências.

REFERÊNCIAS

BÁEZ, Fernando. **A história da destruição cultural da América Latina**: da conquista à globalização. México: Nova Fronteira, 2007.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília/DF: Palácio do Planalto, out. 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 18 mai. 2017

CRUZ, Carmen. A Alma de um quilombo. **Revista Raízes**, Goiânia, 2017.

DALOSTO, Cássius Dunck. **Políticas públicas e os direitos quilombolas no Brasil**: o exemplo kalunga. Rio de Janeiro: Lumens, 2016.

CUNHA, Felipe Gibson; COSTA, Sebastião Guilherme Albano. Identidades quilombolas: políticas, dispositivos e etnogêneses. *Revista de Estudios Latinoamericanos*, n. 64, p. 153-184, mai. 2017. Disponível em: <<http://www.revistadeestlat.unam.mx/index.php/latino/article/view/56864>>. Acesso: 1 nov. 2017.

SALES, Ronaldo. Políticas de ancestralidade: negritude e africanidade na esfera pública. **Revista Eletrônica de Ciências Sociais**, n. 14, set. 2009. Disponível em: <<http://www.cchla.ufpp.br/caos>>. Acesso em: 9 jul. 2016.

SANTOS, Flávio Reis. **Capitalismo, tecnocracia e educação**: da utopia social saintsimoniana à economia neoliberal friedmaniana. Jundiá: Paco Editorial, 2015.

SANTOS, José Vandilo. **Memória e identidade**. Curitiba/PR: Appris, 2015

TOLEDO, Victor BARRERA-BASSOLS, Narciso. **A memória biocultural**: a importância ecológica das sabedorias tradicionais. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

UNESCO. **Educación y diversidad cultural**: lecciones desde la práctica inovadora en América Latina. Santiago de Chile, OREAL/UNESCO, 2008. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0016/001626/162699s.pdf>>. Acesso em: 3 set. 2017.

VIEIRA, Renato. **Registro e salvaguarda do patrimônio cultural imaterial no Brasil**. Brasília: Núcleo de Estudos e Pesquisas/ CONLEG/Senado, 2016. Disponível em: <<http://www.senado.leg.br/estudos>>. Acesso em: 15 set. 2017.

YAÑEZ, Carlos. **La identidad del gestor cultural en América Latina**: un camino en construcción. Bogotá: Universidade Nacional de Colômbia, 2013.